

O CARÁTER HISTÓRICO DOS GÊNEROS E DA REPRESENTAÇÃO DA ENUNCIÇÃO (The Historical Character of Genres and of the Representation of Utterance)

ABSTRACT

This paper presents some results of studies on the different modes of representation of other utterances. From the analysis of a corpus constituted of literary and press genres from the 19th and 20th centuries. We will demonstrate that the modes of inscription of other utterances in the text vary according to the genre and historical moment.

Keywords: genre, history, representation of enunciation.

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados de estudos sobre os diversos modos de representação de outra enunciação. A partir da análise de um corpus constituído de gêneros literário e da imprensa, dos séculos XIX e XX, mostraremos que os modos de inscrição de outra enunciação no texto variam em função do gênero e do momento histórico.

Palavras-chave: gênero, história, representação da enunciação.

1. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES: ALGUMAS OPÇÕES

Nossa pesquisa tem como objeto de reflexão o fenômeno dialógico no funcionamento da linguagem considerada como social, histórica, intersubjetiva, ideológica. Nessa perspectiva, analisar a linguagem é ir além da estrutura da língua e das leis de combinatória que a regem, para considerar a relação com o outro, a circulação dos discursos, a singularidade de cada situação sócio-histórica, o enunciado como evento, fato singular, resposta e tomada de posição num contexto de construção de sentido específico.

Esta opção pode ser traduzida numa recusa do normativo, do homogêneo, do geral, bastante valorizado nas Ciências Humanas, para analisar a linguagem do ponto de vista da diversidade:

1. de sujeitos, singulares e heterogêneos do ponto de vista das posições sociais, cujos discursos se constroem num horizonte social revelando a pertença a um grupo ou ao contrário surpreendendo por não se adequar à expectativa em função deste horizonte;
2. diversidade de discursos, do ponto de vista dos modos de significar (em função da situação, dos interlocutores, dos temas, dos gêneros, dos atos de fala), da gestão do dito com o já-dito e com o não dito;

* UFPE/CNPq.

3. diversidade dos efeitos produzidos pela circulação dos discursos, pelas misturas de gêneros, pela diversidade de semiologias em jogo em cada evento, pelos diferentes movimentos discursivos do locutor.

2. GÊNEROS E REPRESENTAÇÃO DA ENUNCIÇÃO

Durante séculos, de Aristóteles a Hegel, os gêneros foram o objeto central da poética. Eram considerados invariáveis, definidos por regularidades de forma e de conteúdo, classificados em categorias e sub-categorias claras e mutuamente excludentes.

Nos últimos vinte anos, a lingüística adotou o conceito, a partir dos escritos de Bakhtin, que não teoriza sobre os gêneros por eles mesmos, pois ele nega que sejam formas abstratas, mas sobre o funcionamento dos enunciados na interação verbal. Como se sabe, o seu ponto de partida é a ligação entre os gêneros e as diferentes esferas de atividade humana, ou seja, as atividades criam e condicionam os gêneros que por sua vez refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma destas esferas não só pelo tema e pelo estilo, mas pelo todo composicional. Nesta perspectiva, a quantidade e a diversidade dos gêneros são inesgotáveis, tendo em vista as numerosas atividades humanas acompanhadas de discursos, que se realizam necessariamente na forma de gêneros, primários ou secundários. Por isso, a lingüística opõe a diversidade de gêneros à lista reduzida de tipos textuais, fixos e estáveis, descritos a partir da retórica (ADAM, 1992). É importante destacar que gênero e tipo são conceitos usados no estudo do texto, mas que esta dicotomia não faz parte do aparato teórico bakhtiniano, que considera os enunciados como relativamente estáveis, mas não discute forma dos tipos e seqüências textuais, justamente porque muitos enunciados não encontram lugar neste leito de Procusto.

Discutimos aqui apenas alguns aspectos dessa concepção de gênero para o estudo da enunciação.

1. **A relação entre linguagem, gênero e atividade humana é intrínseca e direta.** “Estudar o discurso em si mesmo, sem estudar sua orientação externa, é tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual é determinado” (BAKHTIN, 1993, p. 99). Lembrando que o discurso só se realiza na forma de gêneros. Por isso, é impossível elaborar um repertório dos gêneros, uma vez que a lista das atividades humanas é aberta. “À medida que a esfera da atividade humana se desenvolve e fica mais complexa, o repertório de gêneros vai diferenciando-se e ampliando-se” (BAKHTIN, 1993, p.113).
2. Esta relação coloca em evidência o **caráter histórico e plástico da construção composicional** dos gêneros. Segundo Bakhtin (2003, p.

285): “os gêneros discursivos /.../ com imediatismo, sensibilidade e plasticidade refletem a mínima mudança na vida social”. A vida do gênero literário, ainda segundo o autor, é constituída pela dinâmica do desenvolvimento da literatura: ele renasce e se renova em cada etapa deste desenvolvimento e em cada obra individual. Mesmo nos gêneros que parecem ter uma forma padrão, como os da administração pública, encontram-se movimentos diversos e por vezes inesperados, como mostra Silveira (2005). Tudo depende da relação entre os interlocutores, do propósito do locutor, da entoação expressiva, da temática, dos outros discursos sobre o mesmo objeto.

3. Há uma **correlação entre gênero e representação das enunciações**: em contextos epistemológicos (científicos e filosóficos) e retóricos (político ou judiciário), outras enunciações são introduzidas no discurso com fronteiras nítidas, devido à pressuposição de autenticidade e de fidelidade dos gêneros destes domínios; o discurso literário trata livremente outras enunciações, transmitindo as transformações na inter-orientação sócio-verbal. No corpus estudado, há uma diversidade de modos de inter-relações com outras enunciações, de modo que não se pode falar no abstrato de formas – discursos direto, indireto, indireto livre, formas mistas, narrativizadas – mas devem ser descritas na relação com os gêneros, de acordo com o momento histórico. Assim, a teoria dos gêneros pode ser enriquecida pelo estudo da representação dos discursos, uma vez que interpretar um texto é também reconstituir suas redes dialógicas.

3. A REPRESENTAÇÃO DA ENUNCIÇÃO NOS GÊNEROS DO DOMÍNIO LITERÁRIO

Os gêneros da literatura não fazem parte dos corpora de análise dos lingüistas, exceto para alguns teóricos da enunciação. No entanto, eles constituem, segundo Cunha (2001) e Koren (2002), um objeto de estudo privilegiado para os pesquisadores que se interessam pelas interações que estruturam a linguagem, pelos processos de escrita, notadamente os valores enunciativos da « maquinaria textual » (CUNHA e ARABYAN, 2004) constituída pelo sistema tipográfico, pontuacional, a estrutura visual escolhidos pelo escritor para representar a enunciação dos personagens.

Para Authier-Revuz (2004), a produção de imagem de outro discurso passa pela elaboração de formas e operações, de modo que não se pode escrever uma « gramática », mas apenas desenhar uma estruturação em zonas, operada na base de algumas operações e formas elementares.

Nas obras do século XIX, a representação dos discursos dos personagens,

construída com a montração das palavras, é duplamente marcada, sintática e tipograficamente. Diferentemente de períodos anteriores, em que a representação de outras enunciações, construída com a montração das palavras, marcada por travessão simples ou duplos, fazia parte de um mesmo parágrafo, juntamente com ações, descrições e explicações, as vozes do romance no século XIX são separadas da narrativa por parágrafos de discurso atributivo. Alencar, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis seguem este modelo: a réplica do diálogo é marcada com um travessão, sem aspas e o discurso do narrador forma um novo parágrafo. O discurso interior dos personagens podem permanecer na seqüência narrativa ou ser destacado por meio da mudança de parágrafo e de aspas. Vejamos alguns fragmentos de romance desses autores.

Exemplo 1 (*O guarani*):

Cecília prevendo o que se ia passar tinha-se escondido por detrás de seu irmão D. Diogo.

- Peri, acreditas que D. Antônio de Mariz é teu amigo? Perguntou o fidalgo.
 - Tanto quanto um homem branco pode ser de um homem de outra cor.
 - Acreditas que D. Antônio de Mariz te estima?
 - Sim; porque o disse e mostrou.
 - Acreditas que D. Antônio de Mariz deseja poder pagar-te o que fizeste por ele, salvando sua filha?
 - Se fosse preciso, sim.
 - Pois bem, Peri; D. Antônio de Mariz, teu amigo, te pede que voltes à tua tribo.
- O índio estremeceu.

Exemplo 2 (*Uma lágrima de mulher*):

Rosalina, cujo coração pulsava cada vez mais impetuosamente, passou-lhe um braço em volta do pescoço, e, com a mão livre messando-lhe os cabelos, entre o receio e o desejo, mais medrosa do que terna:

- Estou triste!
 - Por quê? interrogou indiferentemente o pescador.
- Ângela ouvia com interesse esse diálogo.
- Tenho medo de pedir-lhe uma coisa.
 - E por que tens medo? insistiu o velho sempre a fitar maquinalmente a estrada.
 - Porque vai ralhar comigo.
 - Então queres pedir-me alguma tolice?...
 - Não senhor!...

- Então pede...
- Promete não se zangar?...
- Sim!
- E quando souber que tenho um namorado? disse abaixando os olhos Rosalina, porém agora mais terna do que medrosa.

No romance brasileiro do fim do século XIX, é portanto comum o uso da mesma convenção de representação de outra enunciação, que marcam a alteridade, o heterogêneo enunciativo. A escolha de dar a palavra a uma personagem se efetua por sinais tipográficos em função de parâmetros variáveis, como mostra Delesalle (2002), que são o uso feito pelos impressores em determinada época, os hábitos dos editores, a distribuição do texto numa página e eventualmente as indicações do autor.

É importante destacar que, em alguns romances de Aluísio de Azevedo e de Machado de Assis, a imagem das enunciações é bem mais diversa, alternando discursos narrativizado, indireto e indireto livre, no interior de um parágrafo do narrador, segundo a convenção da época. Vejamos o exemplo.

Exemplo 3 (*Memórias póstumas de Brás Cubas*):

Enquanto ele restituía o livro à estante, relia eu o bilhete. Ao jantar, vendo que eu falava pouco, mastigava sem acabar de engolir, fitava o canto da sala, a ponta da mesa, um prato, uma cadeira, uma mosca invisível, disse-me ele: – Tens alguma coisa; aposto que foi aquela carta? – Foi. *Realmente, sentia-me aborrecido, incomodado, com o pedido de Virgília. Tinha dado a Dona Plácida cinco contos de réis; duvido muito que ninguém fosse mais generoso do que eu, nem tanto. Cinco contos! E que fizera deles? Naturalmente botou-os fora, comeu-os em grandes festas, e agora toca para a Misericórdia, e eu que a leve! Morre-se em qualquer parte. Acresce que eu não sabia ou não me lembrava do tal Beco das Escadinhas; mas, pelo nome, parecia-me algum recanto estreito e escuro da cidade. Tinha de lá ir, chamar a atenção dos vizinhos, bater à porta, etc. Que maçada! Não vou.*

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, não são abandonados os recursos tipográficos para introduzir diálogos, mas o uso do discurso indireto livre e de variantes de discurso indireto dá uma imagem menos visível das enunciações dos personagens. Com isso, os comentários do narrador ganham novos meios de inserção no discurso dos personagens, caracterizando-se como *estilo pictórico de enunciação*. “O contexto narrativo esforça-se por desfazer a estrutura compacta e fechada do discurso citado, por absorvê-lo e apagar as suas fronteiras” (BAKHTIN, 1995, p.150).

Vejamos agora um exemplo do que acontece com a representação dos discursos no mesmo gênero no final do século XX. Encontramos um funcionamento dialógico inesperado em diversos autores. As vozes sociais se sucedem em diálogos que não são separados da narrativa por alíneas, travessões

ou aspas, ou seja, não são visíveis, mas se fazem ouvir claramente. E cada autor tem seu sistema.

Exemplo 4 (*Agruras de um jovem escritor*):

/.../ e nesse instante a polícia chegou. Dois homens, um logo me perguntou quem eu era e o outro pegou na carta, os dois leram e não me deram mais importância, continuavam uma conversa anterior - até que um deles perguntou, ela andava nervosa? - fizeram perguntas que eu não entendia, o tempo não passava, eu queria dormir, um me perguntou, o telefone está enguiçado? temos que chamar a perícia, e o outro disse, se matar por um raquítico desses, as mulheres são loucas, e saiu para chamar a perícia pelo rádio do carro, enquanto o colega ficou fumando calmamente - era uma manhã opressiva - da janela eu via todas as chaminés dos prédios de apartamentos, jogando uma fumaça branca no ar, milhares de lixeiras fumegantes, trazendo de volta pelo ar, como um anjo maldito, lixo jogado fora - meu corpo era raquítico, mas era meu assim como meu pensamento polifásico. /.../ e o policial que chefiava me intimou para depor no dia seguinte - o corpo seria autopsiado e depois ficaria à minha disposição - para quê? - e lá se foram eles, levando a carta de Lígia - imaginei os jornais no dia seguinte, Linda Mulher se mata por Jovem Escritor - não tenho culpa do que aconteceu, disse o Jovem e Renomado Escritor ao ser entrevistado por esta folha, lamento muito a morte desta pobre e tresloucada criatura, é tudo que posso dizer - a reportagem desta folha descobriu que não é a primeira vez que uma mulher se mata de amor pelo Jovem Escritor, há dois anos, em Minas Gerais - não, Minas Gerais não; melhor no Rio mesmo - há dois anos, no Rio de Janeiro, uma francesa, estudante de antropologia - chega de pensamento polifásico, pensei, e saí /.../ na minha cabeça uma névoa gostosa, Conrad dizendo que vivi tudo aquilo!¹...

No trecho acima, vemos uma série de diálogos justapostos, intercalados pelo discurso interior do narrador-personagem, apresentados de forma inovadora. Podemos dizer que as inovações revelam a vontade dos grandes escritores de impor aos editores seu processo de escrita « extraordinário », seu sistema próprio de representação da enunciação, evidenciado pela materialidade textual - pontuação, códigos tipográficos, uso não convencional de maiúsculas² e

¹ Essa última construção que mistura discurso direto e indireto vai totalmente de encontro à norma e os diversos estudos que se consagraram aos aspectos formais do discurso reportado.

² Saramago insere os discursos citados por meio de maiúscula após uma vírgula: “A contagem estava terminada, o subchefe escrevia na guia, Recebi metade, e disse, Não traga mais nada enquanto não tiver notícias nossas, Acha que poderei continuar a fabricar, perguntou o oleiro, A decisão será sua, eu não me responsabilizo, E a devolução... (A Caverna).

minúsculas. Revelam também um «horizonte de recepção» e um «contrato de leitura» correspondente. No entanto, as mudanças mais inovadoras não são admitidas em outros gêneros nem na prática pedagógica, incluindo gramáticas, livros didáticos e outros manuais. Tem-se assim de um lado a norma, baseada na sintaxe, e usos na arte, onde todas as inovações são consideradas estilo do autor.

4. A REPRESENTAÇÃO DA ENUNCIÇÃO NOS GÊNEROS DA IMPRENSA

Começamos esta análise observando o que acontece na imprensa do século XIX. Os jornais brasileiros deste período não eram organizados por cadernos, temas ou rubricas e gêneros como hoje. Encontram-se informações políticas, diplomáticas, econômicas, comerciais e marítimas; pequenos anúncios (venda de livro, de terras, de escravos), novelas e na parte *Correspondência* – cartas dos leitores. Segundo Fraga (2001, p. 57):

quase tudo se podia fazer por meio das cartas; a carta era a notícia que, na falta de outra ‘fôrma’, servia e se adequava perfeitamente aos interesses dos escritores e às limitações da linguagem jornalística da época. Não havia ainda, como nas folhas atuais, o artigo de opinião, a página de política, de notícias das cidades, de lazer etc.; as correspondências reuniam diversos interesses, sendo, talvez, a seção de maior teor informativo daqueles impressos, já que ocupavam a maior parte do jornal.

Estas eram assinadas por pseudônimos ou por pessoas com algum prestígio social ou cargo público, que escreviam para se defender de acusações ou prestar algum esclarecimento.

Devido à diversidade de finalidades, de temas, da relação entre os interlocutores, a circulação dos discursos é particularmente diferente. A maior parte responde a outras cartas já publicadas, funcionando como réplicas de um diálogo. Fazem menção ao conteúdo da carta a qual ela responde, e independentemente dos autores aos quais elas respondem, os destinatários são o redator ou o diretor do jornal, as pessoas envolvidas com os fatos alegados: em quase todos os casos observa-se o fenômeno de duplo endereçamento, o destinatário designado servindo de pretexto para uma tomada de posição pública.

Como todas as cartas, a construção composicional é imprevisível, exceto o início e o fim. Entretanto, em função das características do gênero, os autores fazem citações para refutar ou justificar seus argumentos: há citações de autoridades, inclusive em latim ou da literatura universal. A maior parte busca negar o discurso citado e denegrir a reputação daquele ao qual elas respondem.

Do ponto de vista da construção da imagem da enunciação de outrem, a

maioria insere na forma indireta. Diferentemente dos gêneros da literatura, a mostração das palavras de outrem se dá por meio de hífens no interior de um parágrafo ou por dois pontos e aspas, com verbo locutório intercalado. Há muitas referências aos discursos das cartas precedentes. Vejamos os exemplos:

Exemplo 5:

O Capibaribe – 27/09/1848

Lendo o diário Novo n. 205 deparei com uma correspondencia, em que é fortemente calumniado, e insultado o vigario do affogado, e com quanto não precise elle de deffesa, e prefira antes, que se entregue ao desprezo esse parto de miseraveis intrigantes, todavia direi sempre alguma coisa, para que se reconheça de quanto é capaz a alma pequenina de um inimigo rancoroso.

Neste exemplo, aparece o início comum às cartas analisadas: na sua maioria, têm como objetivo responder a idéias expostas em cartas anteriores. Elas se iniciam fazendo menção ao conteúdo de outra carta, sem, contudo, retomar o seu conteúdo por meio do dialogismo mostrado. As cartas analisadas, de maneira geral, são construídas, em parte, a partir do dialogismo mostrado e, em parte, pelo dialogismo constitutivo. No primeiro caso, prevalece o discurso indireto introduzido pelo conector *que*; no segundo, prevalece a alusão ao discurso da carta anterior.

Exemplo 6:

Gazeta Commercial – 19/09/1838

Diz o anonimo, Sr. Manoel Antonio da Silva, que eu dissera que o Batalhão de Itaparica era commandado por hum tenete Coronel de 1.^a L., *que o General Callado mandára processar por fraco e cobarde, e que o 1.º Batalhão provisorio fóra commandado por elle que o emsmo General declara coberto de defeitos, entendendo até que devia ser retirado como perigoso.* Parece á primeira vista, que eu quis fazer graves accusações á estes dous offiçiaes: porque, ommitindo o Jornal do Commercio parte do meu discurso que publicou, e todo hum outro, que tinha relação com este, apenas deixou vera odiosidade de expressões destacadas: por tanto devo explicar-me.

Este exemplo apresenta o discurso indireto introduzido pela conjunção *que*, mais o *itálico*. A transmissão da voz do outro por meio do discurso direto se apresenta como uma forma secundária de representação dos discursos.

Exemplo 7:

Diario de Pernambuco – 08/01/1830

Na minha presença rogou hum pobre matuto ao meu amigo, e estimavel Parocho Joaõ Paulo, que Deos haja, que lhe fosse escomungar as formigas, que lhe estavaõ dando cabo de uma rocinha: foi o meu virtuoso vigario por contentar o bom homem, e excomungou os malfazejos insectos: passados mezes, encontrando casualmente o matuto, perguntei-lhe pelo resultado da excomunhaõ – Agora (respondeo-me elle zangado) agora, Snr. Capitaõ, he que as drogas comem roça: applique (?). Vamos escumando o sarapatel.

Aqui o discurso direto é introduzido por travessão, com o verbo *discendi* intercalado no interior do parágrafo. Difere do modelo regular encontrado nos romances da mesma época, em que a fala das personagens eram apresentadas, na maior parte da narrativa, por discurso direto, mas com a presença dos dois pontos, e, em seguida, o travessão indicativo de novo parágrafo, seguido da fala da personagem. Esse modelo descrito pela tradição gramatical não é regra na imprensa que faz uso de variantes dos esquemas de transmissão, utilizando travessão no interior do parágrafo.

Exemplo 8:

O Cruzeiro – 09/02/1830

Em quanto ao dizer o Impavido, que o snr. Antero não pode ser demagogo; porque s. M.I. lhe deu medalhas, que o condecoraõ, repomdo com o Poeta Virgilio.

Quid non mortalia pectora cogis
Auri sacra fames?

Tal he a natureza do homem, que os bens fisicos lhe causaõ males moraes. O homem huma vez saboreando-se com os bens, e com as grandesas, he atacado de huma enfermidade, que nada o satisfaz. “Elle, diz Seneca, vive infeliz no acanhado limite do mundo.” Alexandre era pobre, mesmo depois de ter vencido Dario, e as Indias: e houve tal, que depois de tudo possuir, ainda dezejava alguma (1) cousa. O homem passa do nada á possuir como dez; esforçasse a possuir como mil; e achando ainda hum vacuo em seu coraçãõ; maior esforço faz para possuir hum milhaõ. Nada lhe serve de obstaculo á sua avareza. O mesmo, que lhe deo mil e que lhe deo dez mil; este vem áser oseu maior inimogo, se nelle encontra o nosso ganhar o milhaõ: e por isso disse muito bem cicero: “*Nisi*

homini deus placuerit, deus non erit.” Deos deixaria de ser deos, se não agradasse ao homem.

A citação em latim recebe um destaque na estruturação do texto. Na terceira linha deste exemplo, encontramos um modelo de discurso direto marcado por aspas e com o verbo *discendi* intercalado. Na penúltima linha, encontramos uma outra ocorrência de discurso direto. Desta vez, uma citação em latim, recebe além das aspas, a marcação com os dois pontos e itálico.

Exemplo 9:

Diário de Pernambuco – 08/01/1830

Vou me pois ao meu – Escovas-botas – do Cruzeiro 173, como quem com bastante sede para aguçãr o apetite abucanha huma cocada de laranja (exemplo de cathecreze n’Aula de Zuza: e como essa miserável produção do Forca he hum verdadeiro sarapatel de sandices, de falta de (?), e de supina ignorancia, procurarei escuniar esse cozinhado, lançado fora as saborras (que he quaze tudo) para examinar taõ somente o que me diz respeito. Assevera o meu lacaio Xico, que eu dera por author do venenoso livro – Voz da Natureza sobre a origem dos Governos – ao servilissimo litterato Jose Agostinho de: mente Snr. Lombriga, mente na forma do costume; o que eu disse foi, que talvez seja este padre o autor dessa obra, primeiramente porque apparece, como anonyma em hum estilo puro, e brilhante, muito analogo ao d’aquelle Escriptor, e em fim porque nunca vi essa obra citada em Publicista algum Francez, d’onde se diz traduzida; ainda dos mais chegados ao *cogumelismo*: suponho sim, mas não assevero: ergo o escovador das minhas botas he arengueiro, embrulhador, e mentirozo, quod erat demonstrandum.

O autor desta carta, que a assina sob o pseudônimo de *Trambolhista*, havia enviado uma carta, comentando o livro *Voz da Natureza*, que, por sua vez, fora objeto de crítica do seu opositor, o *Escova-botas*, como tal ele o identifica. Agora, o *Trambolhista* retoma os discursos anteriores, desenvolvendo uma espécie de debate, em que entra em jogo o já dito, na sua relação com as posições ideológicas do *Escova-botas*. Inicia o parágrafo se dirigindo ao objeto da discussão: o *Cruzeiro 173*. Ao chamar o objeto proferido de “hum verdadeiro sarapatel de sandices”, o autor menciona o discurso da carta escrita pelo oponente para avaliá-lo: “lançado fora as saborras (que he quaze tudo) para examinar taõ somente o que me diz respeito”.

Ao comentar a afirmativa feita pelo *Escova-botas* de que ele havia dado uma informação acerca do autor do referido livro, o *Trambolhista* desaprova o verbo utilizado pelo primeiro para fazer menção à sua fala. Na verdade, tratava-se de uma suposição e não de uma afirmação contundente, isto visto da posição ocupada pelo enunciador primeiro do discurso. Para ele, tal interpretação deve-se às qualidades de *arengueiro*, *embrulhador*, e *mentiroso* do outro. Observa-

se aqui que no contínuo das variantes das formas de interação entre discursos, tudo depende do grau de distância criado pelo locutor em relação ao discurso original e ao interlocutor. Dessa forma, a retomada é um fenômeno aberto e dinâmico, ligado às múltiplas maneiras como os sujeitos falantes recebem e reorientam a fala de outrem.

Quanto aos gêneros da imprensa contemporânea, as formas de representação dos discursos de outrem distinguem notícias e artigos de opinião. Enquanto a maioria das notícias é construída por meio de discursos outros, tendo o jornalista o papel de articular as declarações e assim ter uma posição dominante nesta interação, o artigo de opinião faz pouco uso da citação de falas ou de ilhas textuais, mas é fundamentalmente dialógico, constituído por outros discursos mencionados, aludidos e antecipados que funcionam como argumento para sustentar os pontos de vista do jornalista. Isto porque, neste gênero, mencionam-se os discursos já reportados pela mídia. Vejamos uma notícia:

Exemplo 10:

Jornal do Commercio, Primeiro Caderno, p. 6.
Recife, 3 de agosto de 2002

NOVO VÍRUS DA HEPATITE NO BRASIL

Fiocruz identifica pela primeira vez o tipo 4 em paciente que não teria viajado à África, de onde a variedade é originária. Instituto diz que não há risco de contaminação.

Rio – A fundação Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz) identificou pela primeira vez o vírus da hepatite C tipo 4, em um paciente do Hospital Universitário Gaffrée Guinle, na Tijuca (RJ). Entre os seis tipos conhecidos da doença, esse é um dos mais raros no País, pois é originário do Norte da África, região que recebe poucos visitantes do Brasil e de onde pouca gente viaja para o País.

“Essa nova manifestação da doença não reage ao tratamento convencional, que utiliza o interferon”, explicou o presidente do Grupo Otimismo, Carlos Varaldo, que criou essa organização não-governamental para defender os direitos dos portadores da enfermidade e divulgar as formas de deter o avanço da hepatite C.

De acordo com a Fiocruz, não há risco de contaminação, pois é uma doença que se transmite pelo sangue, e suas causas estão controladas. Ainda segundo a fundação, é a primeira vez que o vírus tipo 4 é identificado no Brasil em paciente que não tenha ido ao Norte da África. “O único fator de risco encontrado foi uma transfusão de sangue feita pelo paciente no País, em 1985”, afirma a instituição.

Varaldo explica que quase todos os casos de hepatite C conhecidos atualmente são resultados de contaminação ocorrida antes da década de 90,

pois o vírus foi identificado em 1980, e o exame para detectá-lo só se tornou obrigatório no Brasil a partir de 1992. A doença é assintomática, mas ao longo dos anos afeta o fígado e pode levar à morte por cirrose hepática aguda. “Geralmente, é descoberta quando já está em um estágio avançado e pouco pode ser feito. O problema é que a doença se manifesta como cirrose mais de 20 anos depois, em 25% das pessoas contaminadas”, disse o dirigente da ONG.

Neste caso, a detecção dos casos é mais importante do que a prevenção para tratamento prévio. Varaldo lembrou ainda que o Ministério da Saúde calcula em quatro milhões o número de pessoas contaminadas no Brasil pela hepatite C, das quais 1 milhão deve desenvolver cirrose. “Destas 75% têm o vírus tipo 1, 20% estão contaminadas com o tipo 3 e o restante está distribuído entre os tipos 2, 5 e 6, sobretudo esses dois últimos, que vêm da Ásia e aqui aparecem em São Paulo, onde há muitos descendentes de japoneses”, enumerou.

Segundo Varaldo, no caso do tipo 4, por ser uma doença comum em países pobres, a indústria farmacêutica ainda não iniciou pesquisas para descobrir medicamentos que combatam a doença.

Do ponto de vista do funcionamento dialógico, este gênero se caracteriza por visar à objetividade. Por isso, dá voz aos que estão envolvidos com os fatos relatados. Temos aqui um relato constituído de fragmentos de discursos, para tornar a informação mais “verdadeira”. Diferentemente dos gêneros da ficção, o jornalista marca a representação da voz de outrem com um verbo introdutor do ato de fala e das palavras parafraseadas ou citadas.

PALAVRAS FINAIS

Estas análises levam a comentários que não são necessariamente conclusivos. Nos gêneros literários, há uma mudança evidente do modo de representação da enunciação. A convenção em que a enunciação alheia é marcada tipograficamente por meio de alíneas, travessões e paragrafação, sucedeu um outro modo de representação, marcado de outra forma, por meio de outro uso do código tipográfico e das formas da língua. Na imprensa, houve neste mesmo período uma grande mudança nos gêneros, que refletem as transformações na sociedade brasileira. Nos jornais do século XIX, os gêneros, os temas, as vozes que circulam refletem uma sociedade pouco organizada. Os debates por cartas de leitores refletem as mudanças nas relações sociais durante este período instável pós independência. Na imprensa atual, destaca-se a mudança nos gêneros, com as notícias e reportagens substituindo as cartas. Todas são plurivocais, mas com funções sociais e discursivas completamente diferentes, como são os dois gêneros.

A diversidade de modos de representação da enunciação nos gêneros da imprensa e da literatura, nestes dois momentos, confirma o que postula Bakhtin (2003, p. 267): “as mudanças históricas dos estilos de língua são indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso”.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J.-M (1992). **Textes** : types et prototypes. Paris: Nathan.
- AUTHIER, J. (1979). “Parler avec les signes de ponctuation ou De la typographie à l’énunciation”. **DRLAV 21**.
- _____. (1981) “Paroles tenues à distance”. **Matérialités discursives Presses Universitaires de Lille**.
- AUTHIER-REVUZ, J. (1982b). “Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive, éléments pour une approche de l’autre dans le discours”. **DRLAV 26**.
- _____. (1992). **Ces mots qui ne vont pas de soi – boucles réflexives et non-coïncidences du dire**. Paris, Larousse, t.1 et 2.
- BAKHTIN, M. (1997). **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1981) **Problemas da poética de Dostoïevski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária (1ª ed. 1929).
- BAKHTIN, M. (1993). **Questões de Estética e de Literatura**. 3. ed. S. Paulo: UNESP/ Hucitec.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. (1995). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D. (ed.) (2002). **Dictionnaire d’analyse du discours**. Paris : Seuil.
- CUNHA, D. de A. C. da (1992). **Discours rapporté et circulation de la parole**. Leuven/ Louvain-la-Neuve, Peeters/Louvain-la-Neuve.
- _____. 1995. Modalidades de transmissão do discurso no face a face interacional. In: **Anais do IX Encontro Nacional da ANPOLL**. João Pessoa: Editora Universitária, v. 2: 1149-1158.
- _____. 1997. O discurso direto como fator de textualidade na fala. In: Ingedore Villaça Koch; Kazue Saito Monteiro de Barros. (org.) **Tópicos em Linguística de Texto e Análise da Conversação**. Natal: EDUFRRN: 47-52.
- _____. (1998). “L’auto-reprise dans la construction du sens”. In Caron, B. (ed) **Proceedings of the XVI International Congress of Linguists**. Amsterdam/New York, Elsevier Science (CD-ROM)
- _____. 1998. “Vozes e gêneros discursivos na fala e na escrita”. **Investigações - Linguística e Teoria Literária 8**: 129-145.
- _____. (2001). “Atividades sobre os usos ou exercícios gramaticais formais? O tratamento do discurso reportado”. In : Dionisio, A. e Bezerra, M. A (org.) **O livro didático de língua portuguesa: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna..
- _____. (2002a). O funcionamento dialógico em revistas e artigos de opinião. In: Angela Dionisio, Ana Raquel Machado & Maria Auxiliadora Bezerra. (org.) **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna.
- _____. (2002b). “A noção de gênero: dificuldades e evidências” *Leitura, teoria e prática*, 39.
- _____. (2003a). A pluridiscursividade em contos de Rubem Fonseca. In: Luiz Antônio Marcuschi & Judith Hoffnagel. Ed. **Anais do I Congresso e IV Colóquio da Associação Latinoamericana de Análise do Discurso**. Recife.
- _____. (2003b). “O discurso de outrem nos estudos da linguagem pós-bakhtinianos. Faraco, C.A., Castro, G e Merkle, L. E. (org.) In **Proceedings of the Eleventh International Bakhtin Conference**. Curitiba: UFPa.
- _____. (2004). L’interaction discursive dans la fiction brésilienne. In Sophie Marnette, Laurence Rosier & Juan Manuel Lopez Muñoz. (org.) **Le Discours Rapporté Dans Tous Ses Etats: question de frontières**. Paris: L’Harmattan.

_____. (2005). Circulation de la parole et genres discursifs dans la fiction et dans la presse. In Juan Manuel Lopez Muñoz, Sophie Marnette & Laurence Rosier. Org. **Dans la jungle des discours. Genres et discours rapporté**. Cádiz : Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz.

_____. (2006). “A estilística da enunciação para o estudo da prosa literária no ensino médio”. In BUNZEN, C. e Mendonça, M. [orgs.] **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo, Parábola Editorial, p 117-138

CUNHA, D.A.C. e VALOIS, M. (2003) « La mise en paragraphes du discours rapporté dans les récits de fiction brésiliens ». In: **Modèles Linguistiques**, vol. 48, tome XXIV, fasc. 2.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da & ARABYAN, Marc. 2004. La ponctuation du discours direct – des origines à nos jours. **L’Information Grammaticale**, 105: 35-45.

DELESALLE, S. (2002). “Les signes du discours rapporté: desseins, dessins, destins”. **Langages** 147.

FARACO, C. A. (2001). “Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas”. In: Brait, Beth (org.) (2001). **Estudos enunciativos no Brasil – histórias e perspectivas**. Campinas: Pontes; São Paulo: Fapesp.

FARACO, C. A. (2003). **Linguagem e diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba, Criar Edições.

FRANÇOIS, F. (1998). **Le discours et ses entours**. Paris: L’Harmattan.

_____. (2002). “Sens, sujet, genres ou que faire des grands mots?” In: **Investigações – Lingüística e Teoria Literária**, vol 15(2).

_____. (2003a). « Sens et signes en tous genres. Un essai ». **La nouvelle revue de l’AIS – adaptation et intégration scolaires**, 23.

_____. (2003b). « Linguistique de la langue et dialogue avec les textes. Un point de vue. » **La Linguistique**, vol 39, fasc.2.

HÄRMA, J. (ed) (2003). **Le langage des médias: discours éphémères ?** Paris, L’Harmattan.

Lemarchand, J. (1993) “Reprise et reformulation du discours d’ autrui: les commentaires radiophoniques immédiats des interventions du président de la République”. **Langage et société**, 64.

MOIRAND, S.(1999). “Les indices dialogiques de contextualisation dans la presse ordinaire”. **Cahiers de praxématique**, 33: 145-183.

_____. (2000). « Variations discursives dans deux situations contrastés de la presse ordinaire ». In : **Cahiers du Cediscor**, 6, Presses de la Sorbonne Nouvelle.

_____. (2002-). « Du traitement différent de l’intertexte selon les genres convoqués dans les événements scientifiques à caractère politique ». In: **SEMEN**, 13 – **Genres de la presse écrite et analyse du discours**.

MARCUSCHI, L.A. (2000). **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife (mimeo).

OLIVEIRA JR. Miguel & CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. 2004. Prosody As Marker of Direct Reported Speech Boundary. **Proceedings of the 2nd International Conference on Speech Prosody**. 263-266.

ROSIER, L. (1999). **Le discours rapporté – histoire, théories, pratiques**. Paris: Bruxelles, Duculot.

SILVEIRA, M. I. M. (2005). **Análise de gênero textual – concepção sócio-retórica**. Maceió: EDUFAL.

Tuomarla, Ulla (2000). **La citation mode d’emploi – sur le fonctionnement du discours rapporté direct**. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica.